

O DIALETO DOS SUSPIROS: ENSAIO COM A MAGIA DE MARINA COLASANTI

Pablo Diassi¹

RESUMO: o presente ensaio norteia-se para as questões do amor, do insólito e da magia – aqui entendida filosoficamente como potência de vida –, no conto “Longe como o meu querer”, de Marina Colasanti. Ao elaborar um pensamento sem perfeição sistêmica, mas, intencionalmente dialógico, o presente ensaio abre mão de investigar um conceito, tema ou questão exaustivamente até que se esgotem. A proposta é simplesmente filosofar com os aspectos maravilhosos da literatura de Colasanti e pensar os afetos que se colocam no limiar do mítico, do impossível e da linguagem mágica do amor.

PALAVRAS-CHAVE: Marina Colasanti, Magia, Contos de Fada,

THE LINGO OF SIGHS: ESSAY WITH THE MAGIC OF MARINA COLASANTI

ABSTRACT: this essay focuses on the issues of love, unusualness and magic – philosophically understood here as a will of life –, in Marina Colasanti’s tale “Longe como o meu querer”. By elaborating a conceptual thought without systemic perfection, but, intentionally dialogical, this essay gives up investigating a concept, theme or issue exhaustively until they run it out. The purpose is simply to philosophize with the wonderful aspects of Colasanti’s literature and to think the affections that arises on the threshold of mythical, impossible and on the magical language of love.

KEYWORDS: Marina Colasanti, Magic, Fairy Tales.

*Para Thaise Diaz,
estrela-guia daqueles que atravessam os desejos mais longínquos*

¹ Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: pablodiassi@aol.com

A busca da magia

Os contos maravilhosos de Marina Colasanti (1937-) sustentam uma relação indecível com a magia. Essa relação se estabelece de várias formas, em vários níveis de intensidade e, com ela, Colasanti pode trilhar, sob a epiderme dos contos, múltiplas linhas de afetos que se encontram e se tocam no limiar entre o amor e o insólito.

O conto “Longe como o meu querer”, que dá nome a coletânea de 1997, é emblemático sob esse aspecto. Nesse conto, a magia da água e o insólito do amor emergem e submergem, em completude, com a magia do amor e o insólito da água – são esses elementos que criam interação e mudança e que aproximam o que há de comum entre sonho e pensamento – corpo, intimidade, imaginação, intuição e linguagem.

É preciso esclarecer, como um lumos faria, que, como a psicanálise envolve-se de forma intensa com a infância, e como os contos de fada são erroneamente concebidos pelo senso comum, dentro e fora da academia, como uma leitura destinada primeiramente (ou somente) às crianças, a relação entre o estudo desses contos e a psicanálise tornou-se comum, algumas vezes frágil e mesmo vulgar. Basta pensar no sem número de complexos que esse campo de investigação compôs com base em personagens oníricos como “Cinderela”, “Peter Pan”, “Lobo Mau” e tantos outros. Ler os contos de fada de maneira patológica é o mesmo que não os ler; o mesmo que submetê-los à moral doente típica de um mundo sem magia. E os contos de fada não acontecem sem magia, não acontecem sem a magia das palavras, não acontecem sem literatura e poesia. Mas acontecem sem psicanálise. Nesse sentido, refiro-me às dimensões literárias e filosóficas do sonho, afinal, elas existem com muita força e, em termos criacionais e reflexivos,

superam a dimensão psicanalítica. 2

Ao acionar esses aspectos – sonho, pensamento, corpo, intimidade, imaginação, intuição e linguagem – com movimentos fluentes, ou de tensão, Colasanti conjura uma atmosfera de encanto que altera a realidade interior do leitor. Os contos maravilhosos dessa escritora são verdadeiros feitiços que duram não apenas dentro dos limites da leitura do conto, mas o tempo incalculável da reflexividade e da reminiscência afetivas.

É nesse sentido que “Longe como o meu querer” enfrenta a “incapacidade de magia” (Agamben, 2007, p. 23) que se instaurou na sociedade a partir de um condicionamento meramente prático, tecnicista e serial. Viver sem magia – aqui entendida filosófica e poeticamente como potência de vida – é algo inaceitável para Colasanti que busca com seus contos maravilhosos não apenas apresentar e realizar o contato entre um possível leitor com a força da magia, mas busca elaborar as potências mágicas tolhidas ou adormecidas e que a literatura consegue despertar. Pois, como se sabe “é provável, aliás, que a invencível tristeza que às vezes toma conta das crianças nasça precisamente dessa consciência de não serem capazes de magia” (Agamben, 2007, p. 23). Não apenas crianças, mas adultos seguem vida afora entregues a uma tristeza que ergue o elmo das sombras e uma lança macabra ao menor sinal de magia. Por isso, não como um fim, nem como um dever, mas com muito prazer Colasanti faz seus leitores se sentirem “capazes de magia” (Agamben, 2007, p. 25), portanto, capazes de experimentar algo além da realidade uniformizada, familiar, desencantada, capital. Algo bem melhor que a mesmice que é ser a melhor versão de si mesmo. Algo diferente e capaz criar, de dentro para fora, motivações reais que funcionam como um contrafeitiço, obliando

2 Para mais sobre tais questões sugiro a leitura de A psicanálise dos contos de fadas (Bettelheim, 2007).

essas maldições imperdoáveis que, agora, atendem por nomes como produtividade e empreendedorismo, gestão de si mesmo e meritocracia.

E essa experiência mágica não é de alienação e não serve à realidade objetiva e determinada do mundo humano. Ao contrário, essa é uma experiência que nega a servilidade do pensamento, dos afetos e da ação. Ou seja, as experiências que nascem do contato com autores e textos da esfera do maravilhoso, como Colasanti e “Longe como o meu querer”, são experiências de linguagem singular e que envolve intensamente, intimamente, a relação entre magia e felicidade, colocando em cena, na vida do leitor, valores como a aventura e autonomia – e recusando a vida banal e subserviente.

Dentro dessa relação de magia e felicidade, as personagens de Colasanti, diferentes das de fábulas, não necessariamente precisam “conquistar o apoio do gênio da garrafa, guardar em casa o burrinho-faz-dinheiro [asino cacabaiocchi] ou a galinha dos ovos de ouro” (Agamben, 2007, p. 23). Porque eles são tão encantados quanto o gênio da garrafa. A magia está em você! O ser encantado é você! Somos seres mágicos, afinal. Esta é a mensagem, sem nenhuma moral pedagógica, que corre nas entrelinhas de “Longe como o meu querer” e de grande parte dos contos maravilhosos de Colasanti, pois esse é um traço ético-poético da autora. A magia não vem apenas de fora das personagens – elas também são capazes de encanto. Por extensão, também os leitores. Para compreender toda essa feitiçaria que Colasanti sustenta é preciso considerar que:

magia significa, precisamente, que ninguém pode ser digno da felicidade que, conforme os antigos sabiam, a felicidade à medida do homem é sempre *hybris*, é sempre prepotência e excesso. Mas se alguém conseguir dobrar a sorte com engano, se a felicidade depender não do que ele é, mas de uma noz

encantada ou de um “abre-te-sésamo”, então, e só então, pode realmente considerar-se bem-aventurado. (Agamben, 2007, p. 23).

No que concerne a castelã, no entanto, a sorte foi lançada ao mar. E, para ela, felicidade é busca. Tanto busca pela magia quanto a magia da busca. Felicidade é justamente experimentar a chance de almejar a felicidade. Mas isso ocorre apenas porque ela é um ser encantado, assim como o jovem moço é um ser encantado. A linguagem de “Longe como o meu querer” é um “abre-te-sésamo” tanto quanto a autonomia da castelã brilha e realiza as vontades dela feito uma noz encantada.

A castelã alcançará o próprio querer, o amor e o jovem moço apenas se correr “pelos caminhos tortuosos da magia” (Agamben, 2007, p. 24). E é o que ela faz, sem pedir qualquer autorização, ao esporear o cavalo em direção ao mar. Assim, o que Colasanti elabora com os contos de Longe como o meu querer, e o conto homônimo, é atingir “com precisão a secreta solidariedade entre magia e felicidade” (Agamben, 2007, p. 23). O efeito de tamanha precisão cria uma personagem igualmente secreta e que renasce em todos os contos maravilhosos de Colasanti: um leitor mágico. A esse leitor, Colasanti oferta, sempre, toda a magia do amor.

Da magia. Do amor

E fico realmente feliz por me reconhecer como um leitor mágico dos textos de Marina Colasanti. “Longe como o meu querer” é um conto que eu leio e releio desde os meus 13 anos. Leio e releio, com amor. É assim que esse conto desperta meu senso de aventura mais genuíno. Dou um passo em direção ao reencontro, outro em direção à surpresa. Fico perplexo com o rei que “ordenou que se decapitasse o jovem e se atirasse

seu corpo ao rio” (Colasanti, 2002, p. 87) para depois entregar a cabeça do moço para a filha. E então tento questionar minha perplexidade pensando as dicotomias dos afetos políticos contemporâneos. Talvez por isso me sinta, como uma das damas, cada vez “mais fiel” (Colasanti, 2002, p. 89) à literatura e à filosofia, pois estas ainda seguem, com “fundos suspiros” (Colasanti, 2002, p. 88), a cumprir com as árduas tarefas da cabeça e do coração. Ou, melhor, da magia, do amor. Às vezes, como a castelã, sinto minhas “mãos feridas” (Colasanti, 2002, p. 89) pela lida com as pequenas coisas da vida e, também como a castelã, sempre que um desejo mais íntimo se apresenta, quase sempre no horizonte da distância, meu coração dispara léguas tocado pelo esporão da vontade.

Vontade de intimidade

“Longe como o meu querer” é um conto de fadas e Colasanti é, considerando seus escritos maravilhosos, uma fada livre do destino; livre, inclusive, dessa mesma ideia de fada que acabo de sugerir – devo lembrar que o substantivo fada vem do latim, *fatum*, e significa destino. Com isso digo que a autora em questão elabora as forças do insólito na sua potência máxima, tocando as vias negativas dessa forma, movendo as posições estabelecidas e conhecidas e dando outro peso aos valores atribuídos para animais e seres não-humanos, personagens femininos e masculinos, fundando assim um outro reino, uma região de compreensão do maravilhoso. E, sobre o maravilhoso, a autora mesma diz que “poderia usar a expressão contos de fada, mas não quero enganar ninguém. Em mais de 100 desses contos que escrevi até agora, aparece uma única fada, quem fada é, mas feiticeira. Fiquemos, então, com maravilhosos” (Colasanti, 2015, p. 419 – grifo da autora.). Talvez por isso a poética de Colasanti se faça com tanta força nas formas

do conto maravilhoso. Na maneira como ela aciona os títulos dos contos, os desenhos que ela mesma faz e que ilustram capa e interior de seus livros, a autorreferencialidade, a brevidade como deslimite da linguagem, o final em aberto como caminho que leva à imaginação e ao conhecimento.

Nesse sentido, Colasanti se inclui com bastante decisão dentro do tempo histórico dos contos maravilhosos. O que significa lembrar sempre do caráter atemporal desses contos. Mais que isso, lembrar do caráter pessoal e íntimo desses contos. O que mais surpreende, o que mais escapa às fronteiras do possível, o que mais remete ao universo mítico em contos como “Longe como o meu querer” é a renovada vontade de intimidade que costura e desfia e tece as linhas narrativas de Marina Colasanti.

O dialeto dos suspiros

A princesa castelã, observando bem, guarda em si um espírito de amazona. É ela quem monta e guia um cavalo e que se afasta do castelo atendendo ao chamado de aventura. Toda ação se centra nela. O jovem moço tem sua vida interrompida, mas consegue, pelas vias do querer, cumprir com as tarefas que lhe cabiam. Tarefas cotidianas, mas intensamente simbólicas. O perigo a ser enfrentado, aqui, se há mesmo um perigo, não está em um dragão inflamado, nem nas escuras águas do mar, como pode aparecer, mas, sim, no desconhecido. O desconhecido que é a vida. É por ela que perdemos a cabeça. É por ela que partimos para não voltar. É a vida que faz um simples virar de página ou um suspiro ou ainda uma garganta aberta se tornar algo maravilhoso. Estranho e maravilhoso.

Por isso, não é que Colasanti faça uma inversão total dos símbolos ou dos temas presentes nos contos de fada. É que a relação que a autora estabelece entre a forma

das narrativas maravilhosas com a própria escrita se faz pela via do estranhamento com a vida, do espanto com a vida. Colasanti conquista a forma do maravilhoso puro para então elaborar um maravilhoso-estranho. É por tais razões que o insólito, nesse conto, habita também a dimensão da linguagem. Não de modo usual, com neologismo ou apoiado em traços modernos comuns ao próprio tempo da autora. Mas por meio da transmissão das ideias em curso, que são, inclusive, realizadas e potencializadas pelo não-dito, pelo silêncio. Seja quando sabemos que “o que o pai pensou, não disse” (Colasanti, 2002, p. 87), ou naquilo que a lama, os espinhos e as feridas denunciam silenciosamente e ainda no íntimo silêncio do quarto, quando a linguagem do silêncio fala o dialeto dos suspiros. Também por isso, pela linguagem, o conto de fada é uma vertente do maravilhoso, uma vez

que os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para citar apenas alguns elementos dos contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural. Os contos de Hoffmann ilustram perfeitamente esta diferença: “Quebra-nozes e o Rei dos camundongos”, “A Criança estrangeira”, “A Noiva do rei” pertencem, por características de escritura, ao conto de fadas; “A escolha de uma de uma noiva”, sempre mantendo o mesmo estatuto para o sobrenatural, não é um conto de fadas” (Todorov, 2004, p. 60).

O silêncio é, em “Longe como meu querer”, a asa de morcego albino, o sangue de unicórnio, o olho vesgo de Cíclope, ou seja, o elemento crucial de uma linguagem enfeitiçada. Tanto na superfície quanto no fundo do conto corre um diálogo com o insólito. É justamente o manejo primoroso do insólito que faz com que os elementos do conto, juntos, não criem apenas uma tensão,

mas criem uma relação – estranha? íntima? – com o impossível.

Nesse momento é preciso conjurar um feitiço de conhecimento profano, um ocos pocus do saber selvagem, ou conjurar lumes maxima em plena biblioteca e elucidar alguns pontos sobre isso que chamamos, no presente contexto, de maravilhoso.

Sabe-se que os contos de fada são assim compreendidos porque neles o sobrenatural é plenamente aceito. A ausência de explicação é bem-vinda e a não-racionalização da narrativa é algo possível e desejado. O maravilhoso é compreendido como aquilo que “não pode ser explicado pelas leis da natureza tais como são conhecidas” (Todorov, 2004, p. 59). “Longe como meu querer” contém na própria estrutura, forma e conteúdo características do maravilhoso puro, uma vez que o conto “não se explica de nenhuma maneira” (Todorov, 2004, p. 63). Quando se pensa a ação aparentemente impulsiva do rei, a vida apesar da morte do jovem mancebo ou a certeza da castelã que se deposita sobre o mar e sobre o próprio desejo – pontos que escapam às grades da lógica e da razão.

Também para Nelly Novaes Coelho, o conto de fadas está inserido dentro do universo do maravilhoso embora para essa mesma autora, em O conto de fadas (2008), se diferenciem o “conto maravilhoso” e o “conto de fadas” considerando que:

o conto maravilhoso tem raízes orientais e gira em torno da problemática material/social/sensorial – busca de riquezas; a conquista de poder; a satisfação do corpo –, ligada basicamente à realização socioeconômica do indivíduo em seu meio. Exemplo: Aladim e a lâmpada maravilhosa; O gato de botas; O pescador; Simbad, O marujo. Quanto ao conto de fadas, de raízes celtas, gira em torno de uma problemática espiritual/existencial, ligada à realização do interior do indivíduo, “basicamente por intermédio do Amor” (Coelho,

Nesse sentido, “Longe como meu querer” seria compreendido dos dois modos, livre para ser pensando, e sentido, como maravilho ou como conto de fada. Por fim, considero ainda o que Valdimir Propp, em *Morfologia do conto maravilhoso* (1984), desenvolve como teoria de invariantes e variantes para definir a especialidade do conto maravilhoso. Das seis funções invariantes apresentadas por Propp, é possível identificar em diferentes regiões de “Longe como meu querer” cada uma das seguintes constantes teóricas: situação de crise ou mudança, aspiração, desígnio ou obediência, viagem, desafio e obstáculo, mediação, conquista.

A velocidade do amor

A partir das questões apresentadas é possível afirmar que Colasanti elabora a escrita do conto maravilhoso não como quem quer fisgar o leitor ou impressioná-lo. O que a autora consegue, na verdade, é devolver ao remanso da leitura, da ficção, do encanto, o leitor-peixe que por alguma fatalidade encontra-se quase morto, encalhado na árida enseada da realidade.

E é pela linguagem que Colasanti chega à água. Ao longo de todo conto, a autora constrói um ambiente marinho, contrastando o que há na superfície das ações com as vontades mais profundas de cada personagem, emergindo das entrelinhas a bolha de ar que explode em vitalidade para cada ponto do texto.

Lavou, fundo, lama, margem, chuva, rio, remanso, praia, mar, à beira de...: eis algumas das palavras que reverberam como círculos concêntricos compondo uma atmosfera úmida ao redor de uma escrita líquida que também ampara os acontecimentos no conto. A exemplo do sono da castelã, cla-

ra zona de limite, auto-margem na qual ela pode apenas banhar os pés e nunca mergulhar por inteiro no seu sono marítimo. Quem deve mergulhar é o jovem moço. Dialogicamente, um segue pelo mar, outro pela terra.

O primeiro momento em que a água é mencionada, surge simples e sem alarde como uma nascente, certamente em contraponto ao mar.

Posteriormente, é que se realiza a totalidade, na dimensão do mistério que atravessa vida e morte que é também travessia, caminho de passagem, de superação banhado de desejo e querer, uma vez que “a água, substância da vida, é também substância da morte” (Bachelard, 1998, p. 75) e é exatamente assim que esse elemento se afirma no conto: como experiência de continuidade, de complementariedade. Para pensar a morte, é preciso pensar que é a água que “fornece o símbolo de uma vida especial atraída por uma morte especial” (Bachelard, 1998, p. 50), caso exato da vida da castelã e da sobrevida do jovem moço. Na água não há dicotomia entre vida e morte. Há o lugar da diferença margeado pelo querer – e isso é especial.

A água carrega em si a possibilidade de gerar e ceifar a vida. E mais que isso, a água toma a morte como passagem e renascimento real, físico, não para além desta vida, mas justamente nesta vida, afirmando, de modo complementar, os valores da terra.

Lumus: compreendo que, ao manter a questão da vida da castelã, e da sobrevida do jovem moço, dentro da realidade humana, desvinculando o campo do onírico do campo da metafísica, e, assim, compreendê-lo como uma realidade da literatura, Colasanti afirma uma “fidelidade à terra” (Nietzsche, 2011, p. 14) que consiste em brincar de pensar com os elementos (água e terra), ultrapassar certa tradição dos contos maravilhosos no que diz respeito ao gênero, seja gênero feminino, seja gênero textual, e evi-

denciar a dimensão fática da existência humana. Aqui, evidentemente, brinco também com os termos fática e fada. Em termos de valoração, é o que ocorre com o mancebo que, mesmo decapitado, não morre. E, ao ser entregue à água, sabe-se que o rio encaminhará a cabeça para o corpo e unirá ambos antes de entregá-lo ao mar.

A certeza de que a água não hesitará em unir corpo e cabeça e lançá-los à praia para o encontro com a castelã, nasce da inversão característica de Colasanti, já colocada, e que reaparece também nesse momento decisivo, pois, a recorrência de tal elemento torna-o cada vez mais singular, portanto, “seminal” (Bachelard, 1998, p. 10.). Em “Longe como o meu querer” a água dá “à vida um impulso inesgotável” (Bachelard, 1998, p. 10) e a vida com a morte segue desejosa pelas margens do mistério. Assim, vida e morte e desejo são submergidos pela água ao longo de todo o conto. Ao esperar pela castelã “em alguma praia” (Colasanti, 2002, p. 91), enfrentando com entrega rio e mar, o jovem cumpre sua travessia marinha enquanto a castelã, fiel à terra, abre os caminhos do encontro pelas trilhas do querer, pensando sempre o longe-mar, pois:

só a água pode desembaraçar a terra. Explica-se então que, quando tais crianças abandonadas ao mar eram lançadas vivas de volta à praia, quando eram “salvas das águas”, tornavam-se facilmente seres miraculosos. Tendo atravessado as águas, tinham atravessado a morte. Podiam então criar cidades, salvar povos, refazer o mundo (Bachelard, 1998, p. 77).

Assim, atravessando a morte, chegando à vida e contando com as águas, o decapitado vive o milagre da esperança. E espera pela castelã, que abre os descaminhos terrestres, experimenta a força da entrega, e tem o mar e o moço como norte, sem desesperar-se. No entanto, a bússola para o

querer da castelã é o próprio querer, não é o moço. É possível considerar que “Longe como o meu querer” desenha a travessia da morte sobre as águas do desejo, no entanto, é impossível desconsiderar que essa mesma travessia não se faz sem os galopes da vida e sem as correntezas do amor.

Assim que a cabeça do jovem moço é entregue ao rio, o narrador conta que “os longos cabelos ainda flutuaram por um momento, agitando-se como medusas. Depois desapareceram na água escura” (Colasanti, 2002, p. 91).

Trata-se de um ponto importante para compreensão do conto, pois é essa “água escura que vai absorver o sofrimento” (Bachelard, 1998, p. 49). Agora, a certeza do encontro torna-se ainda menos questionável posto que qualquer lamento ou dor ou remorso foi absorvido pela água, livrando os personagens do que Bachelard chama de maldição do silêncio, uma compreensão realmente possível já que os suspiros do moço são constantes e poderiam levar a crer que:

o que fala no fundo dos seres, do fundo dos seres, o que fala no seio das águas, é a voz de um remorso. É preciso fazê-los calar, é preciso responder ao mal com a maldição; tudo o que geme em nós e fora de nós, é preciso golpeá-lo com a maldição do silêncio (Bachelard, 1998, p. 71).

Tal medida é desnecessária, neste caso, uma vez que a própria água trata não de silenciar, mas de dar voz ao mover as personagens na direção do encontro, encontro entre cabeça e corpo do jovem moço, encontro entre rio e mar, encontro da castelã com o seu par. E, ao mesmo tempo, de curar o desprendimento momentâneo ao qual a castelã obriga-se. Embora haja a certeza do reencontro, é necessário lembrar que:

o adeus à beira-mar é simultaneamente o mais dilacerante e o mais literário dos adeuses. Sua poesia explora um velho fundo de sonho e de heroísmo. Desperta em nós, sem dúvida, os ecos mais dolorosos. Todo um lado de nossa alma noturna se explica pelo mito da morte concebida como partida sobre a água (Bachelard, 1998, p. 78).

Eis o momento definitivo no qual a castelã é exigida ao extremo. Mais que em seu sono interrompido, mais que nas tarefas em que foi desafiada. É preciso que ela deixe ir. É necessário que ela parta também. E que compreenda finalmente que o amor, o desejo e o querer estão sempre acompanhados de liberdade e solidão. É o que de fato acontece quando afirma que seu destino é o mar. Por isso, “só se parte bem, corajosamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do rio” (Bachelard, 1998, p. 77).

E é assim que segue a castelã, pela margem sonífera, aguando em fundos suspiros, bebendo da própria sede, banhada na certeza de que nenhuma distância é tão longa quando se corre na velocidade do amor.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. São Paulo: Paulinas, 2008.

COLASANTI, Marina. Mais de 100 histórias maravilhosas. São Paulo: Global, 2015.

COLASANTI, Marina. Longe como meu querer. São Paulo: Ática, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PROPP, Vladimir Iakovlevich. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Nova Cultura, 2004.]

Submissão: fevereiro de 2024
Aceite: março de 2024.